

# LGBTIFOBIA: O QUE VAMOS FAZER COM ISSO?

## Inclusão, integração e interdisciplinaridade.

Alunos do curso de Psicologia apresentaram resultado de sua produção a alunos do curso de Pedagogia. Momento importante para os envolvidos e um marco no propósito de interdisciplinaridade sustentado amplamente pelo UniBrasil Centro Universitário, e cada vez mais incorporado às ações adotadas pelos professores do curso de Psicologia, assim como por outros. Uma aposta em dias melhores: soma de conhecimento, ampliação de perspectivas, riqueza de olhares, partilha de experiências. Aposta num mundo melhor: cultivo e exercício do respeito, apoio ao diferente, que “aperta os laços e desfaz os nós”.

AUTORAS:

### **DULCE MARA GAIO**

MESTRE EM FILOSOFIA, PROFESSORA DO CURSO DE PSICOLOGIA DO UNIBRASIL CENTRO UNIVERSITÁRIO E SUPERVISORA CLÍNICO-INSTITUCIONAL NA REDE DE SAÚDE MENTAL DE JOINVILLE.

### **FERNANDA DE FERRANTE**

MESTRE EM PSICOLOGIA, PROFESSORA DO CURSO DE PSICOLOGIA DO UNIBRASIL CENTRO UNIVERSITÁRIO.

### **DEBORA RAMOS, EWERTON AMBROZIO E MONYCA DANIELSKI**

ACADÊMICOS DO 9º. PERÍODO DO CURSO DE PSICOLOGIA DO UNIBRASIL CENTRO UNIVERSITÁRIO.



O Brasil é detentor de um recorde, que nada tem a ser comemorado. Segundo apontam os dados da ONG *Transgender Europe* (TGEU), entre outubro de 2017 e setembro de 2018 foram assassinados 167 transexuais no Brasil. Em segundo lugar vem o México, com 71 vítimas, o que coloca o Brasil com mais do que o dobro no total e mais de 2 assassinatos por dia. Multiplique-se pela violência sem morte, mas com lesão corporal ou agressões verbais, preconceito, discriminações das mais variadas, com alto rendimento em prejuízos psicológicos e sociais, e a estatística se amplia consideravelmente. Segue em crescimento exponencial quando incluímos os crimes contra outros atores da população LGBTI, e o panorama cada vez mais se aproxima do limite último da humanidade, com suspensão total de empatia, desfazimento do respeito e infração às leis.

Ao lado da pergunta: “Por que há tanta intolerância ao que é diferente, ao que é diverso, àquilo que foge ao padrão heteronormativo?” outras ainda se impõem: “O que podemos fazer frente a isso? Qual posição e direção de trabalho nossas categorias profissionais determinam? Como respondemos à convocação da humanidade em nós?”.

À primeira questão já foram dedicados alguns consideráveis esforços reflexivos e pesquisas e, com muita brevidade, podemos enlaçar toda forma de preconceito ao já apontado por Freud, a saber, ao quantum de horror que a castração desperta. Mulheres, homossexuais, judeus e negros estão aí na mira do que se quer rebaixar, depreciar, aniquilar ou extinguir, diz ele. Porque ao borramento da Diferença Sexual

# LGBTI

Anatômica, que flexibiliza as modalidades do gozo erótico, segue-se o da Diferença Sexual, ou seja, de gênero, com tudo o que historicamente foi e é construído em termos de relações de poder e determinações sociais do legítimo e qualificado, e o da Diferença que, se considerada em sua função luminosa, nos orienta e instala no reconhecimento do singular, e franqueia o respeito à dignidade cidadã, o acolhimento de toda expressão individual e a permissão a toda forma de vida e modos de existência. Ou o contrário, se posta fora do jogo.

Símbolos culturais são assim engendrados e tomados pelas instituições normativas que os transformam em conceitos também normativos, imperativos, a determinar a construção da identidade subjetiva e a organizar a rede relacional dos atores sociais e estabelecer os operadores dessas realidades. Conta-se que um soldado romano homossexual teve sua vida poupada: “não vamos macular nossa espada com este sangue impuro”, teria dito o centurião que decretara a degola de todos os desertores. Sabe-se que a primeira mulher a cursar uma faculdade de Medicina o fez travestida e que até bem pouco tempo aquela que, por ventura, recebesse uma herança de pai, marido ou tio distante, teria que, na ausência de personalidade jurídica, contratar um homem para gerir seus negócios. Há apenas um ou dois séculos, para o Código Penal francês, crimes de lesão corporal teriam penas duplicadas quando cometidos por

homossexuais.

Mas as sociedades e as relações sociais têm-se transformado sob influência de novos ares, nova estética e até mesmo novas demandas de consumo. Urdido pelas lutas por direitos civis e tramado pela produção científica e cultural, novo tecido social vem sendo providenciado: a despatologização da homossexualidade já tem quase meio século e duas décadas marcam a resolução do CFP apontando na mesma direção. Entretanto, muitas mentes e corações parecem - tomados por razões também já estudadas e desvendadas, mas sem que isso tenha produzido seus efeitos - ainda se deixarem enquadrar por molduras antigas. Mais que isso, como água represada que retorna com imensa força de destruição quando encontra oportunidade, vemos os índices da violência contra a população LGBTI e as mulheres crescerem vertiginosamente nos últimos anos.

A humanidade não caminha em linha reta, ascendente, contínua e progressiva, cumulativa. Ao contrário, progride, mas volta, se retorce, embola os fios, retesa, afrouxa, esgarceia, para avançar no remendo.

À educação cabe a tarefa de transmissão cultural dos movimentos feitos por uma civilização, dando notícia dos avanços e inovações alcançados de uma geração a outra, ao tempo em que deverá também garantir a preservação

da memória do que era, das razões de ser e das razões para deixar de ser, ou para voltar a ser, promovendo e sustentando a reflexão sobre o trabalho e as dores envolvidos e decorrentes dos embates da vida para seguir adiante. As instituições de ensino, portanto, como dispositivos e operadores privilegiados dessa transmissão cultural, têm que, de saída, no interior mesmo de sua neutralidade e mesmo que soe paradoxal, declararem sua posição, sua disposição ética e sua filiação a este ou àquele modelo de mundo, de homem, e a qual prisma de humanidade se alinham. Seu corpo docente e direção são os que inicialmente se encarregam dessa responsabilidade, apontando o horizonte e agenciando a oportunidade de sua materialidade. Mas alegria mesmo é quando essa mesma tarefa é tomada pelos estudantes que, em pleno uso e gozo do protagonismo para o qual estão sendo convocados, não recuam. Ao contrário, se adiantam e ocupam os espaços de fala, de ação, de proposição, esboçam o mundo que querem para o dia seguinte e otram por trazê-lo à luz.

Assim é que a partir de um trabalho realizado no segundo semestre de 2018 que integrava, sob a batuta da professora Fernanda de Ferrante, as disciplinas do 8º período – Diagnóstico e intervenção em Psicologia, Ética profissional do psicólogo, Prevenção e promoção em saúde e Abordagens em Psicologia comunitária –, um grupo de acadêmicos resolveu desenvolver algo sobre o tema LGBTIfobia. O trabalho atendia às demandas das disciplinas de modo teórico, estendendo-se também à prática, e o local escolhido de aplicação foi o próprio curso de Psicologia. A apresentação, com uma hora de duração, foi realizada em todos os períodos do curso, de modo colaborativo, ou seja, os acadêmicos eram solicitados a reflexões acerca de sexualidade, gênero e

a posição do profissional psicólogo diante das temáticas LGBTIs. Com tamanha energia empenhada no trabalho, ficou o desejo de dar sequência ao projeto.

E como o desejo é semente de realidade, ao saber da existência desse trabalho a professora Andrea Mayer Veiga, que ministra as aulas de Demandas contemporâneas da Educação, no curso de Pedagogia do UniBrasil, convidou-os para realizar palestra em uma de suas aulas. A partir do incentivo e da autorização das coordenadoras dos cursos de Pedagogia e de Psicologia, professoras Daniele Sotta Ziliottoe e Graciela Sanjutá, os acadêmicos Debora Ramos, Ewerton Ambrozio e Monyca Danielski realizaram-na no 7º período de Pedagogia. (Na primeira etapa, no semestre anterior, estavam também presentes Luana Dias e Tiago Szczepanski). Seguindo a mesma dinâmica, a palestra teve como grande tema a comunidade LGBTI, porém, desta vez, com problemáticas que provocam reflexão sobre questões presentes no cotidiano da profissão dos futuros pedagogos. A apresentação teve por objetivo ser informativa, trabalhando a sigla, os conceitos daí decorrentes e desconstruindo equívocos a respeito do assunto. A turma trouxe inúmeras dúvidas e vivências relacionadas ao tema e seu cotidiano; também houve considerável interesse em estabelecer uma interlocução e construir um saber próprio, já que as vivências de preconceito dentro do contexto escolar relatadas por eles serviam de modelo para os demais, e até mesmo para os palestrantes.

De modo geral, os objetivos de ambos envolvidos foram atendidos: os acadêmicos de Psicologia, em transmitir um saber a respeito da comunidade LGBTIs, apresentar os conceitos e preconceitos aí presentes, e as demandas que podem surgir aos futuros pedagogos a respeito deste assunto; os de Pedagogia em



verem se esclarecer termos e acercarem-se de um conhecimento que, aparentemente, era novidade para muitos, e ainda em adquirir maior repertório para intervirem e se posicionarem frente às demandas que possam surgir a respeito de sexualidade e gênero, em especial em seu campo de trabalho.

Como mostra o depoimento de Caroline Cordeiro Galdino Pereira, aluna do 7PEAN: “A palestra encaixou perfeitamente dentro do que estávamos trabalhando na disciplina de Demandas contemporâneas da Educação, esclarecendo dúvidas que a turma toda tinha acerca do tema, como termos, denominações, gerando debates em que todos puderam expor suas opiniões e esclarecer as dúvidas. A conversa fluiu tão naturalmente que a turma se sentiu confortável em contar vivências pessoais e se abrir pra humanizar os debates, algo muito além da teoria (que também é extremamente importante). Como futuros professores precisamos entender o tema, ouvir relatos e debater sobre isso, para que saibamos como lidar com isso dentro de sala de aula. A desconstrução do preconceito e da homofobia dentro da escola só acontece quando o agente transformador da sala de aula é capaz de compreender e debater esse assunto. A participação do curso de Psicologia dentro desse conteúdo foi muito importante e com certeza deveria acontecer mais, a linguagem dos acadêmicos e a forma como o conteúdo foi apresentado nos aproximou e facilitou a compreensão do tema, foi uma parceria muito proveitosa e didática”.

E também da aluna Thais Santos de Castro, 7PEAN: “A palestra foi de extrema importância para o curso de Pedagogia, pois dentro do curso não temos formação e nem oficinas ou palestras a respeito do tema. Como profissionais da Educação, futuros pedagogos, é fundamental

saber trabalhar com o tema, abordá-lo dentro do contexto educacional, pois trabalhamos com a diversidade de pessoas, famílias e identidade de gênero. Então temos que ter uma qualificação para poder atender essas novas demandas presentes no contexto educacional e também para poder instruir e parar preconceitos dos próprios profissionais. Seria necessário que todo o curso de Pedagogia tivesse a oportunidade de ouvir essa fala sobre esse tema tão atual”.

Mas se o tema é atual, entretanto surpreende que o curso de Psicologia do UniBrasil seja o único em território nacional a ter em sua grade curricular uma disciplina nomeadamente voltada a ele – Gênero, Sexualidade e Políticas Públicas, e nos dias 20 a 22 de maio/2019 aconteceu a Jornada Acadêmica com o mesmo título. Na formação de psicólogos, é comum que o conteúdo sobre sexualidade humana, diversidade sexual e gênero dependa quase sempre apenas da disposição do docente, e muitas vezes em estatuto de “jaboti”.

A experiência acima relatada revela duas virtudes: uma, a que põe à mostra que precisamos falar mais sobre isso, que não podemos continuar em evitação frente ao que dói ou desconcerta e expostos ao que explode em ato. A palavra faz escoar os afetos, escovar o limo de termos e conceitos, azeitar as engrenagens dos padrões estereotipados de sentimentos, pensamentos e ações, abrandar os corações e ressignificar o direito de cada um ser o que é. Outra, que tudo isso pode se dar em companhia de amigos, parceiros intelectuais, amorosos ou de jornada, em atendimento à condição de humanidade que, queiramos ou não, nos habita e determina que reconheçamos no outro a diferença que o faz nosso semelhante.

